

ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO LIVRO DOS SALMOS: UMA INTRODUÇÃO

Cleodon Amaral de LIMA. Doutorando em Teologia pela PUC-SP. Mestre em Teologia pela mesma Intituição. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) e da ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica). Presidente e editor da Editora *Kadosh*. Professor no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ).*

Resumo

Os Salmos são a forma mais eficaz e antiga que os antepassados encontraram de falar poeticamente com Deus e sustentar sua espiritualidade no diálogo com o Transcendente. Esta pesquisa mostra a origem dos Salmos, sua finalidade, sua classificação e como fizeram parte da espiritualidade de Jesus, dos Apóstolos, da Igreja nascente e da atual. Com os Salmos, os cristãos aprenderam a importância da oração. O pano-de-fundo (*Sitz im Leben*) que gerou as famílias dos Salmos é contemplado. Assim como os Salmos foram gerados nos momentos difíceis da vida e falam de momentos marcantes, da mesma forma, as pessoas recorrem a eles para falar com Deus, quando enfrentam suas dificuldades do dia-a-dia ou quando algum evento marcante precisa ficar registrado em suas lembranças. Por tudo isso, os Salmos se tornam lâmpada para os pés e luz para o caminho de quem busca neles seu verdadeiro encontro com Deus.

Palavras-chave: Salmos. Deuteronomistas. Oração dos judeus e de Jesus. Oração dos Apóstolos e da Igreja.

Abstract

The Psalms are the most effective and ancient way that our ancestors found to speak poetically with God and sustain their spirituality in dialogue with the Transcendent. This research shows the origin of the Psalms, their purpose, their classification and how they have been part of the spirituality of Jesus, the Apostles, the early Church and current Church. Through the Psalms, Christians have learned the importance of prayer. The background (*Sitz im Leben*) that generated the families of the Psalms has been contemplated. Just as the Psalms were created in difficult moments of life and talk about important moments, in the same way, people turn to them to talk to God, when they face their daily struggles or when some significant event needs to be recorded in their memories. For all these reasons, the Psalms become a lamp for the feet and a light for the path of those who seek in them their true encounter with God.

Keywords: Psalms, Deuteronomists. Prayer of the Jews of Jesus. Prayer of the Apostles and of the Church.

* E-mail: cleodon_lima@hotmail.com

Introdução

O livro de Salmos é um livro de poesia hebraica, escrito tendo como modelos poesias egípcias, assírias, babilônicas, mesopotâmicas e ugaríticas. Os Salmos, comumente, eram cantados e, raramente, lidos, por isso, havia muita facilidade para tê-los de cor. Na atualidade, é como se fosse uma coleção de “letras de música” clamando por um músico que lhes façam ser cantadas. Em Aramaico, chama-se *Mazmori*, cuja tradução é “hinos, cantos, cânticos”. Os judeus o chamam “*Tehilim*”, que significa “louvores”. Os tradutores da Septuaginta – primeira tradução do Testamento Hebraico para a Língua Grega, feita por volta de 280 a.C., por ordem de Ptolomeu II Filadelfo, em Alexandria, no Egito, deram-lhe o nome de Salmos, do grego, *Psalmoi*, tradução da palavra hebraica *mizmor* (Sl 3,1), que significa “melodia para saltério”. A palavra “saltério” vem, também, do Grego e significa “instrumento de corda (harpa/lira)”. Como em Latim, o livro era chamado de “*Psalmus David*”, foi esse nome – Salmos – que perdurou nas traduções da Bíblia para os diferentes idiomas.

Alguns nomes foram colocados no início de alguns Salmos dando a entender quem seria o seu suposto autor: Moisés 90 (89); Davi, Salomão 72; 127 (71; 126), Asaph 50; 73-83 (49; 72-82), os Filhos de Coré 42 (41); 44-49 (43-48); 84-85 (83-84); 87-88 (86-87); Hemã 88 (87); Etã 89 (88); Iditun 39 (38); 62 (61); 77 (76) e alguns anônimos. Conforme alguns rabinos judeus e o Talmud, há Salmos que podem ter sido escritos em um período que vai desde 1440 a.C. a 500 a.C., sendo que a redação final desses Salmos pode ter acontecido entre 350 a 50 a.C. Muitos exegetas afirmam, baseados na Arqueologia e outras afirmações científicas que, muitos Salmos já eram cantados há séculos, mas só começaram a ser escritos na época do Rei Ezequias e durante a formação da teologia deuteronomista que foi quem atribuiu a Moisés, Davi e Salomão vários Salmos, por volta do Séc VII a.C. Inegavelmente, há Salmos pós-exílicos como o Sl 137 (136), com fortes traços mesopotâmicos, e outros com traços assírios, persas e foram desconstruídos, reelaborados e relidos conforme a Tradição judaica, como o Sl 16 (15); 18 (17); 22 (21)... O Sl 104 (103), por exemplo, originalmente, deveria ser um Salmo egípcio de louvor ao Deus Rá, o Sol, que, mais tarde, foi adaptado à linguagem e à teologia judaica e utilizado como louvor a Deus. Esses Salmos foram todos reunidos na época de Esdras, período do Segundo Templo, quando passaram por revisões e edições. Outros foram editados, escritos, compilados, com a finalidade de serem cantados na liturgia do Templo, por volta do Séc. III a.C., principalmente pelos editores finais.

Salmo Pentatêutico

Com a criação das Sinagogas, no pós-Exílio, os judeus, além de estudar a *Torah*, cantavam os Salmos e tinha a observância do sábado (*Shabbat*) como uma das prioridades. Uma observação: por tratar-se de evento inicial fundante do judaísmo teocrático, sempre, ao se falar de Exílio, será mencionado com letra maiúscula. Para facilitar a escala de cada Salmo, a fim de não ficar repetindo sempre o mesmo e para ficar mais fácil ensiná-los, dividiram a coleção em cinco livros: cada um deles é precedido por uma bem-aventurança Sl 41 (40),2; 72 (71),17; 89 (88),16 e 106 (105),3 e termina com uma doxologia (41 (40),14; 72(71),18-19; 89 (88),53 e 106 (105),48. Ao dividir os Salmos como uma espécie de saltério pentatêutico, eles faziam um paralelo com cada livro da *Torah*: Gênesis (*Bereshit*), Êxodo (*Shemot*), Levítico (*Vaicrah*), Números (*Bemidbar*) e Deuteronômio (*Devarim*).

Os Salmos 1–2, que servem como “introdução” do Saltério, com os Salmos 146-150, que servem como conclusão, formam uma moldura, estruturando, de forma fantástica, esta grande coleção de poesia. Se os primeiros mostram o caminho do justo e a perdição do ímpio, a nível individual (Sl 1), e de proteção ao rei, num Salmo real, destacando o aspecto público e nacional (Sl 2), na conclusão, utilizando-se da forma invertida ou quiástica, trabalham os temas mais gerais (Sl 149) e o eterno louvor ao Deus Salvador (Sl 150).

A. Primeiro Livro: Sl 1-41 (40)

- 1) Deus anuncia como o ser humano pode ser bem-aventurado (Sl 1). Uma primeira bem-aventurança abre o caminho desta viagem poética;
- 2) Sl 1-2: Introdução: alguns críticos redacionais assinalam que, antes, esses dois Salmos eram um só. Ambos trabalham temas comuns como nota-se com a palavra-chave, “o caminho” (1,6//2,12), e a ideia dos “bem-aventurados” (1,1//2,12).
- 3) Sl 3-41 (40): 1ª Coleção dos Salmos de Davi (exceção dos Salmos individuais 10 e 33).

B. Segundo Livro: Sl 42-72 (41-71)

- 1) 1ª Coleção dos Salmos Sacerdotais dos Filhos de Coré: Sl 42-49 (41-48): ligados ao Templo de Jerusalém (exceção Sl 50 (49), considerado Salmo de Asaf);
- 2) 2ª Coleção dos Salmos de Davi: Sl 51-72 (50-71).

C. Terceiro Livro: Sl 73-89 (72-88)

- 1) Salmos de Asaf: Sl 50 (49) e Sl 73-83 (72-82): falam da História de Israel;

2) 2ª Coleção dos Salmos Sacerdotais dos Filhos de Coré: Sl 84-85 (83-84); 87-88 (86-87), ligados ao Templo de Jerusalém, falam dos cantores do Santuário.

D. Quarto Livro: Sl 90-106 (89-105)

- 1) Salmos Anônimos: Sl 90-92 (89-91); 94-95 (93-94);
- 2) Salmos do Reino de Deus: Sl 93 (92); 96-100 (95-99);
- 3) 3ª Coleção dos Salmos de Davi: Sl 101-103 (100-102).

E. Quinto Livro: Sl 107-150 (106-150)

- 1) 4ª Coleção dos Salmos de Davi: Sl 108-110 (107-109).
- 2) **O Hallel Pessach**: Sl 113-118 (112-117): Salmos da liturgia pascal cantados na noite da libertação da escravidão egípcia;
 - a) Salmo Aleluiático: Sl 117 (116) – mais curto;
 - b) Salmo da *Torah* – Alef-Tav: Sl 119 (118) – mais longo;
- 3) Salmos de Peregrinação: Sl 120-134 (119-133), chamados, também, “Cantos das Subidas”;
- 4) **O Grande Hallel**: Sl 135-136 (134-135);
- 5) 5ª Coleção dos Salmos de Davi: Sl 138-145 (137-144);
- 6) **O Pequeno Hallel**: Sl 146-150 (145-149) – um tipo de doxologia, que conclui não só o 5º livro, mas o Livro de Salmos no seu todo.

Quando o pesquisador analisa a forma pentatêmica em que os Salmos foram organizados, percebe, do Livro I em diante, que o pano-de-fundo que gerou os Salmos introdutórios – Sl 1-2, vai desaparecendo até chegar à parte III. Nota-se que, de novo, a partir do Livro IV, reacende-se a esperança. O leitor-autor fica impressionado ao constatar que o Livro V se inicia com um Salmo 107, sem se dar conta de tratar-se de um Salmo pós-exílico: os v. 2-3 falam que *YHWH* reúne os seus redimidos dos quatro cantos, de todos os países distantes. O espelhamento com o pós-exílico 2º Isaías é claro: Sl 107 (106),10 = Is 42,7.22; Sl 107 (106),33 = Is 42,15; Sl 107 (106),35 = Is 41,18. Neste Salmo, como em alguns outros, nota-se o quanto o Exílio inspirou essas orações em forma de canção. Os Salmos 126 (125) e o 147 (146) trazem detalhes sobre o contexto em que os exilados viviam e como suas dificuldades foram a maior motivação para que esses cânticos pudessem surgir. No 5º Livro, o *Hallel Pessach*, o Grande *Hallel* e o Pequeno *Hallel* formam, juntamente com os Salmos que falam da criação, da libertação do Egito, do dom da terra (Sl 135-136 (134-135)), de louvores e de aleluias, um conjunto impressionante.

Por que o Salmo da Bíblia Católica é diferente do Salmo da Bíblia Protestante?

Salmos	
Bíblia Hebraica	Septuaginta/Vulgata
Sl 1-8	Sl 1-8
Sl 9-10	Sl 9
Sl 11-113	Sl 10-112
Sl 114-115	Sl 113
Sl 116,1-9	Sl 114
Sl 116,10-19	Sl 115
Sl 117-146	Sl 116-145
Sl 147,1-11	Sl 146
Sl 147,12-20	Sl 147
Sl 148-150	Sl 148-150

A Igreja Católica segue a tradição de Jerônimo, que corrigiu uma versão latina da Bíblia com muitos erros a pedido do Papa Dâmaso I, no Séc. IV, seguindo a tradução da Septuaginta, dando o nome de Vulgata Latina a sua nova versão. Lembrando que a Septuaginta (às vezes, chamada de Tradução dos Setenta ou LXX) é a primeira tradução do Testamento Hebraico dos judeus para o Grego, realizada por volta de 280 a.C., por ordem de Ptolomeu II Filadelfo. Por causa disso, a Tradição Católica Romana e os Padres da Igreja ensinaram a citar a numeração dos Salmos da Vulgata (Bíblia em Latim de Jerônimo) em parênteses, em comparação com a Bíblia Hebraica. Repetindo: quando se cita um Salmo, os números fora de parênteses pertencem à Bíblia dos judeus e dentro dos parênteses, à Bíblia Católica Romana, que segue a Tradição da Setenta, por exemplo: Sl 23,1-6, da Bíblia Hebraica é o Sl 22,1-6, da Bíblia Católica, que será escrito da seguinte forma: Sl 23 (22),1-6.

Os gêneros literários dos Salmos

Ao que se refere à Exegese Histórico-Crítica, quem mais trabalhou a questão do gênero literário do Antigo Testamento foi um teólogo chamado Hermann Gunkel, que viveu de 1862 a 1932. Ele trouxe grandes contribuições, o que ajudou muito no entendimento e na interpretação dos Salmos. Gunkel classificou o gênero literário dos Salmos em cinco tipos, mas os pesquisadores já criaram outros tipos e subtipos, gerando uma classificação mais complexa. Apesar de alguns criarem nomes diferentes, na maioria das vezes, eles se identificam.

Gênero literário é uma coleção de textos que tem as mesmas características redacionais. Gunkel, para classificar os gêneros literários, destacou três critérios:

1) Forma textual: leva em conta a maneira como se escreve, os recursos literários utilizados, o vocabulário, as expressões idiomáticas, as figuras de linguagem, as imagens literárias, o estilo redacional, a composição do texto...

2) Contexto vital: muitos exegetas chamam de *Sitz im Leben*, palavras alemãs para designar o contexto vital que gerou o texto, que, comumente, será referido nesse ensaio como “pano-de-fundo”, levando-se em conta as dimensões: social, histórica, política, econômica, bélica, ideológica, incultural e religiosa, que fizeram com que aquele determinado texto surgisse;

3) Conteúdo formal: o tema desenvolvido pelo autor, levando-se em conta sua época, seu pensamento e seus sentimentos.

Com a ajuda de Gunkel e as contribuições de vários colegas biblistas, houve a possibilidade de classificar uma variedade grande de gêneros literários dos Salmos, que pode ser agrupada para facilitar o estudo:

A. Salmos Individuais: predomina as características de oração privada, particular, por isso, esse tipo de poesia é chamado de salmo individual. Em alguns deles, é possível uma pessoa rezar, representando o clã.

1) Súplicas Individuais: a estrutura do conteúdo é simples: introdução, ápice redacional e conclusão. O pano-de-fundo, que estimulou o escritor, são as contingências da vida, do dia-a-dia: doença: Sl 39-40 (38-39), fome: Sl 21 (20), 87, perseguição: Sl 7, calúnia: Sl 7, injustiça: Sl 18 (17). Ela tem origem oracional, portanto, podem ter surgido em celebrações litúrgicas do Templo, por ocasião de *Yom Kippur*, ou de uma das três festas principais. Nesses Salmos, o autor implícito, aquele identificado pelo próprio texto, revela sua

situação de opressão, em vários âmbitos, denunciando os crimes de uma sociedade corrupta e idólatra, ao mesmo tempo que demonstra sua fé em um Deus que tudo vê, que o escuta nos momentos difíceis da vida: Sl 5; 7; 10 (9); 13 (12); 18 (17); 23 (22); 24-25 (23-24); 27 (26); 30 (29); 34 (33); 35 (34); 37-38 (36-37); 40-42 (39-41); 50 (49); 53-56 (52-55); 58 (57); 60 (59); 62-63 (61-62); 68-70 (67-69); 76 (75); 85 (84); 87 (86); 93 (92); 101 (100); 107-108 (106-107); 119 (118); 139-142 (138-141);

2) Ação de graças individual: uma pessoa busca a Deus e, depois que sua oração é ouvida, ela agradece. Sua estrutura é igual a do Salmo de Louvor: introdução, ápice redacional e conclusão. O pano-de-fundo é o Templo, a liturgia do culto e a dos sacrifícios, principalmente, nos cultos de ação de graças por uma cura ou por algum benefício recebido da parte de Deus, depois de um voto feito: Sl 9; 19 (18); 31 (30); 35 (34); 39-40 (38-39); 93 (92); 106 (105); 116-117 (115-116); 121 (120); 138 (137);

3) Confiança individual: uma pessoa demonstra total confiança somente em Deus. O pano-de-fundo desses Salmos é a busca da vitória dos problemas pessoais. A fé em Deus ganha um destaque enorme. É um caminho de mão dupla: o orante edifica sua fé, por meio da fé do clã; por outro lado, a fé do clã aumenta quando vê Deus respondendo a oração do justo: Sl 3; 4; 11 (10); 16 (15); 23 (22); 27 (26); 62-63 (61-62); 71 (70); 91 (90); 121 (120); 131 (130);

4) Salmos de proteção: também chamados “Salmos Imprecatórios”. O salmista se encontra sem forças para se defender e não há ninguém que o defenda. Sua única saída é recorrer a Deus. Ele canta implorando a Deus, que faça recair sobre seus perseguidores tudo o que armaram contra ele: Sl 7; 16 (15); 35 (34); 55 (54); 58-59 (57-58); 69 (68); 79 (78); 83 (82); 94 (93); 109 (108); 137 (136); 140 (139);

B. Salmos Comunitários: a estrutura do conteúdo é bem semelhante à dos Salmos Individuais: introdução, ápice redacional e conclusão. Enquanto os Salmos Individuais ganham um caráter pessoal, esses têm um rosto clânico, familiar, comunitário.

1) Salmos Comunitários: a maioria desses Salmos é um grito de denúncia contra a corrupção, opressão, exploração, destruição, perda da terra, exílio, guerra, fome, pobreza, seca, doença, por isso, muitos deles foram gerados no Exílio: Sl 12 (11); 14 (13); 44 (43); 53 (52); 58 (57); 60 (59); 74 (73); 77 (76); 80-83 (79-

82); 85 (84); 90 (79); 94 (93); 105 (106); 108 (107); 123 (122); 126 (125); 137 (136); busca de esperança e salvação em Deus: Sl 62 (63); 72 (73); 77 (78);

2) Penitenciais: o pano-de-fundo desses Salmos é o contexto de *Yom Kippur* ou rituais de purificação. Antes do Exílio, essas celebrações eram públicas, com jejum de todo o povo, para evitar calamidades sobre a cidade, sobre o clã. A história de Jonas é um exemplo claro desse tipo de contexto. Apesar das narrativas de Jonas falarem da época de Jeroboão II, Séc. VIII a.C., provavelmente, foram escritas depois do Exílio. Já os Salmos pós-exílicos retratam momentos de arrependimento do povo e seu insistente pedido de perdão. Nesta época, o sacrifício pelo pecado era um ritual muito importante para os sacerdotes que trabalhavam no Segundo Templo. Esse tipo de sacrifício reforçava a teologia da retribuição, que era um dos pilares do judaísmo teocrático que estava sendo formado pelos sacerdotes sadoquitas, que passaram a liderar a liturgia do Templo deste período. O sangue do cordeiro e a intercessão dos sacerdotes eram a certeza de que o dinheiro que mantinha os sacerdotes estava garantido, ao mesmo tempo, asseguravam que a ira de Deus seria aplacada. Através dos Salmos, os penitentes cantam o seu arrependimento e clamam pelo perdão do Todo-Poderoso. Dentro deste contexto, os Salmos Penitenciais, os Litúrgicos, os Cantos de Sião e os de Ação de Graças são todos importantes: Sl 6; 32 (31); 38-39 (37-38); 50-52 (49-51); 74 (73); 102 (101); 130 (129); 143-144 (142-143);

3) Ação de Graças Comunitária: a comunidade busca a Deus e, depois que sua oração é ouvida, ela agradece. O pano-de-fundo é sempre uma celebração de ação de graças por uma vitória: de um cerco, de uma guerra, de uma intempérie da natureza, de uma peste, de uma praga, pelo nascimento de uma criança... O poeta sempre louva a Deus pelos benefícios da colheita ou algum bem que sobreveio por conta da natureza: Sl 13 (12); 15 (14); 45 (44); 54 (53); 61 (60); 65-68 (64-67); 76 (75); 80-81 (79-80); 86 (85); 91 (90); 108 (107); 118 (117); 124 (123); 127 (126).

4) Confiança Comunitária: a comunidade demonstra total confiança somente em Deus. Alguns desses Salmos podem ser considerados de “peregrinação”. São chamados “Salmos de Subida” porque eram cantados no caminho a Jerusalém para a celebração das festas no Templo, por isso, também, podem ser classificados como Salmos de Louvação. Provavelmente, são frutos pós-exílicos: 115 (114); 125 (124); 129 (128). Apesar de acharmos rastros deuteronimistas do reinado de Josias, a obrigatoriedade de subir à Jerusalém por ocasião das festas vem da época esdrasiana.

C. Hinos de Louvação: cada um é dividido de forma clássica, possuindo uma introdução, conteúdo com ápice redacional e uma conclusão. O pano-de-fundo ou *Sitz im Leben* desses Salmos, geralmente, são as festas por conta da conquista de uma cidade, a alegria do caminho até Jerusalém, ou durante as celebrações festivas (*Pessach, Shavuot, Sukkot*), ou rituais (*berit milah, Yom Kippur*) do Templo. O povo, reunido, canta sua fé e sua esperança, reconhecendo as ações milagrosas de seu Deus em favor da sua vida. Se Deus faz um milagre é Deus e se não faz, continua sendo. De qualquer forma, Ele vai criando história, fazendo-se presente na história das pessoas e da comunidade. É louvado por suas manifestações maravilhosas na natureza ou pelos seus milagres na história do seu povo. A ação do Deus que tudo provê pode ser percebida sempre e em todo o lugar em que seu povo se encontra (Sl 33), “porque eterno é o seu amor” (Sl 136): Sl 8; 114-119 (113-118); 146 (145). Esses hinos são muito utilizados em todo tipo de religião, comumente chamados de “hinos de louvor ou de glorificação”. Israel sempre louva a Deus como Rei e Jerusalém, como a Sião Santa, morada de *YHWH*.

- 1) Salmos Yawistas: são, provavelmente, produções literárias deuteronomistas, quando se falava o Nome de Deus para ratificá-lo como o Deus exclusivo de Israel. A designação “yawista” não está ligada à antiga teoria das quatro fontes que já é considerada ultrapassada. Esses Salmos trazem o Tetragrama Sagrado – *YHWH*. O Sujeito direto do louvor, em cada Salmo, sempre é *YHWH*. Os deuteronomistas também produziram os Salmos: mosaico, davídicos e salomônicos. Eles foram escritos para a louvação e adoração dos deuses. No lugar dos deuses, Israel colocou *YHWH*. Há alguns utilizados para elogios e louvores de reis ou gente da corte, por isso, são classificados “Salmos da Realeza de *YHWH*”, porque proclamam Deus como Rei – Sl 3-41 (2-40); 90-150 (89-150).
- 2) Salmos da Realeza de *YHWH*: estruturalmente, são muito parecidos com os hinos de louvor. São também considerados Yawistas, porque afirmam, em todo momento, que *YHWH* é Rei. O pano-de-fundo desses Salmos é a relação diplomática que a monarquia israelita busca manter com os reis vizinhos, sem fazer distinções quanto aos deuses, ao tipo de política, ao modo de se comportar, a ideologia... Apesar disto, teologicamente, o salmista canta suas denúncias proféticas contra os reis opressores, inclusive, estrangeiros, instruem quanto ao Deus único e sua *Torah*, e incentivam o povo para que viva a justiça e o direito. *YHWH* é sempre aclamado como Rei eterno e soberano: Sl 47 (46),

- o Juiz universal: Sl 96 (95); 98 (97), o Salvador e Libertador de Israel: Sl 29 (28); 33 (32); 100 (99), o Criador: Sl 8; 104 (103); 19 (18),1-7.
- 3) Salmos Eloístas: provavelmente, produzidos no pós-Exílio, período teocrático mais avançado, época em que era proibido falar o *YHWH*, Nome pessoal pela qual Deus era conhecido e começaram a chamá-lo somente pela palavra “Deus” (*Elohim*) – Sl 42-83 (41-82). Nesta exposição, a designação “Eloísta” não está ligada à teoria das quatro fontes, mas à teologia teocrática pós-exílica. Esses Salmos identificam-se muito com os Salmos Yawistas. A diferença é que os compiladores colocam o epíteto majestático “*Elohim*” no lugar do Tetragrama Sagrado. Mais tarde, na tradução da Septuaginta, os tradutores perpetuaram essa Tradição e, no lugar, da palavra *Elohim* e *YHWH*, os tradutores utilizaram a palavra grega, *KÝRIOS*, escrita em caracteres gregos maiúsculos. Assim, não estariam colocando o Nome de Deus em vão. A nível de conteúdo, o teor é o mesmo: louvor e adoração a Deus-*Elohim* e sua proclamação como Soberano.
- 4) Cânticos de Sião: o seu pano-de-fundo, considerado sua ideia central, é o Templo de Jerusalém, que, em vários momentos, chama de Sião. Em detrimento à teologia do campo, esses Salmos apresentam uma teologia da cidade, projetando Jerusalém como a capital ideal para *YHWH* poder se relacionar com o seu povo, porque era ali que Deus escolheu como sua única morada – ideia deuteronomista consolidada no tempo de Esdras. Mesmo no sentido escatológico, Jerusalém nunca vai deixar de ser a cidade templária ideal (cf. Ap 21), desenhada e desejada como morada de Deus, o verdadeiro Rei. Ela se torna, então, o paradigma da fortaleza espiritual do povo escolhido de Deus e de todo o universo criado (Sl 87). Ela vai atrair pessoas do mundo todo, dos quatro cantos (Sl 84; 122): Sl 46 (45); 48 (47); 76 (75); 84 (83); 87 (86); 122 (121); 132 (131); 137 (136) – produção sacerdotal, provavelmente, pós-exílica. Alguns Salmos de Peregrinação ou de Subida poderiam ser citados aqui.

D. Salmos Reais: ressaltam Davi e os monarcas de sua linhagem, como verdadeiros representantes de *YHWH*. Provavelmente, foram escritos pelos escribas do palácio do rei e tinham a finalidade de mostrar as grandes realizações do monarca. Esses Salmos trazem em seu bojo muita ideologia, porque defendem o império como se tivesse sido instituído por Deus. Geralmente, os reis são os representantes diretos de Deus. O pano-de-

fundo desses Salmos é tudo o que acontece entorno do rei: época que tinha um tutor, quando foi considerado de maior idade e apto para governar, sua unção como rei, coroação, entronização, festas reais, recepções no palácio, visitas do rei às colônias, casamento, nascimento do primogênito, casamento dos filhos, vitórias militares, celebração de aliança, submissão do reino em caso de derrota bélica. Muitas vezes, esses Salmos evocam a imagem de Deus como representante de Deus na proteção das viúvas, dos órfãos e dos estrangeiros.

- 1) Oráculo em favor do rei: Sl 2; 101 (100); 110 (109);
- 2) E o rei ora a Deus: Sl 18 (17); 29 (28); 64 (63);
- 3) Súplica antes da guerra: Sl 20 (19); 62 (61) 73 (72);
- 4) Festa da vitória: Sl 21 (20);
- 5) Festa de casamento do rei: Sl 45 (44);
- 6) O rei pede sabedoria para governar: Sl 72 (71);
- 7) Reinado eterno 89 (88);
- 8) O rei canta diante da Arca: Sl 132 (131);
- 9) O rei louva: 144 (143);

E. Didáticos: a finalidade desses Salmos era ensinar e orientar as pessoas, de modo especial, em como colocar em prática a *Torah*.

1) Salmos Sapienciais: abordam os mais variados problemas da vida do ser humano e do seu cotidiano. Não é difícil encontrar narrativas ligadas à felicidade, ao sentido da vida, à ilusão das riquezas, à rapidez com a qual a vida passa, à vaidade da vida. Alguns Salmos se assemelham às poesias de Provérbios, com a mesma forma e vocabulário, como é o caso dos Sl 112 (111); 127-128 (126-127) e 133 (132). O pano-de-fundo é o contexto sapiencial pós-exílico, o mesmo que gerou Sabedoria, Eclesiástico, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Lamentações de Jeremias e outros.

- a) Fidelidade à *Torah*: Sl 19,8-14 (18,8-14); 118 (119);
 - b) Dualidade entre o justo – aquele que cumpre a *Torah* – e o ímpio – aquele que se desvia do caminho de *YHWH*: Sl 1; 16 (15); 38 (37); 53 (52); 91 (90); 102 (101); 112 (111); 119 (118); 127-129 (126-127); 133 (132);
 - c) Pecado contra a justiça e o direito: Sl 37 (36), 49 (48), 73 (72);
 - d) Súplica do justo oprimido e confiança na libertação de Deus: Sl 139 (138).
- 2) Salmos Alfabéticos: Sl 9; 25 (24); 34 (33); 111-112 (110-111); 119 (118); 145 (144). Uma ressalva em relação ao Sl 119 (118): ele possui 22 estrofes, com 8 versos.

Cada verso começa com uma palavra cuja letra segue a lista alfabética hebraica. É o Salmo mais longo e, praticamente, está não só no meio do Saltério, como marca a metade da Bíblia;

3) Salmos Espelhados: Salmos que repetem estrofes de outros – Sl 14 (13) = 53 (52); 40 (39),14-18 = 70 (69); 57 (56),8-12 = 60 (59),7-14 = 108 (107). Interessante perceber os paralelos entre o Sl 2 e o 149 (148): nações e povos (2,1//149 (148),7); reis da terra e reis governantes da terra (2,2.10//149 (148),8); *YHWH*, o que se senta nos céus (2,4//149 (148),2); romper os laços e sacudir as algemas (2,3//149 (148),8); anunciar a Ordem de *YHWH* (2,7//149 (148),9).

F. Salmos Litúrgicos: esses Salmos são utilizados em várias e diferentes cerimônias litúrgicas. Geralmente, eles eram cantados nas “portas do Templo”. Esse fato caracteriza sua estrutura e seu pano-de-fundo. Alguns funcionam como se fosse um “ato penitencial”, para que a pessoa pudesse ser acolhida nas tendas, que se localizavam diante do Templo, preparadas para receber as pessoas de fora nas festividades: Sl 15 (14); a chegada de uma procissão, com a abertura das portas santas da cidade ou do Templo: Sl 24 (23); e a cerimônia de despedida dos peregrinos, ou a mudança de turma dos levitas, que serviam no Templo: Sl 134 (133). Falam de sacrifícios, oferendas, oráculos, bênçãos, procissões e celebrações de festas: Sl 68 (67) – produção sacerdotal, provavelmente, pós-exílica;

1) Salmos de Peregrinação: esses Salmos eram cantados pelo caminho, enquanto as pessoas se dirigiam a Jerusalém, por ocasião das festas mais conhecidas, como Páscoa (*Pessach*), Pentecostes (*Shavuot*), Tendias ou Tabernáculos (*Sukkot*), Dia do Perdão (*Yom Kippur*), Pães Ázimos (*Chag Matzot*), Dedicção do Templo (*Chanukah*). Algumas festas eram celebradas anualmente, por exemplo, *Pessach*, outras, a cada sete anos, caso do Descanso da Terra (*Shemitah*): Dt 31,9-13, e outras, a cada cinquenta, que é caso do “Ano do Jubileu” (Lv 25,8-17.23-28.35-43). Alguns Salmos específicos, chamados “Salmos da Porta”: Sl 69 (68); 84 (83); 100 (99). “Salmos de Subida”, “Salmos de Ingresso”, ou “Salmos de Entrada”, eram cantados na entrada da cidade de Jerusalém ou no início da subida do “Monte do Templo”, do “Monte Sião”, também conhecido por “Monte *Moriah*”: Sl 15 (14); 24 (23),3-6; 118 (117); 120-134 (119-133) – produção sacerdotal, provavelmente, pós-exílica;

2) Salmos Históricos: alguns Salmos de louvor têm o fio narrativo histórico como os Salmos Sl 78 (77); 105-106 (104-105); 111 (110), 114 (113), 135-137 (134-136), com produção sacerdotal, provavelmente, pós-exílica. Salmos como o 46 (45); 48 (47) e o 76 (75) cantam sobre o momento que Deus protegeu o Rei Ezequias do Cerco que a Assíria fez a Jerusalém, por volta de 701 a.C. O pano-de-fundo desses Salmos, na maioria das vezes, é

histórico-litúrgico. O poeta canta as maravilhas de *YHWH*, que é fiel à aliança (*berit*), que fez com seu povo.

3) Denúncia Profética: esses Salmos identificam-se com oráculos e profecias. O cantor canta e a comunidade repete. Eles têm a finalidade de denunciar as injustiças contra o justo e as iniquidades dos ímpios. O pano-de-fundo desses Salmos, ainda é o litúrgico e acontecem nas grandes festas rituais, quando há muita concentração de gente: Sl 14 (13); 50 (49); 52-53 (51-52); 58 (57); 75 (74); 81 (80); 95 (94). Muitos Salmos de Bem-Aventuranças têm cunho profético: Sl 1,1; 2,12; 34,9 (33,9); 41,2 (40,2); 128 (127),1-2.

G. Salmos Teocráticos: eles são, por excelência, pós-exílicos. O rei Ciro enviou, para Jerusalém, Esdras – sacerdote e Neemias – copeiro promovido a governador. A política da Pérsia era devolver cada exilado à sua terra de origem, e permitir sua religião, dando abertura ao livre comércio, desde que não se rebelasse e pagasse seus impostos ao sátrapa, tipo de governador, empossado como representante do rei. Na volta do povo para sua terra, havia isenção do pagamento até que a cidade fosse reconstruída, tornando-se uma satrapia, isto é, uma colônia da Pérsia. O rei da capital só não permitia que houvesse outro rei humano. No entanto, Deus poderia ser considerado um. O sumo-sacerdote eleito acumulava o cargo de sacerdote, profeta e rei e, desta forma e com esta finalidade, ele era ungido. O sumo-sacerdote exercia um poder teocrático, assumindo um poder pontifical e real, que, também, claro, era político. Neste período, o judaísmo, enquanto religião, estava sendo estruturado, pelo sacerdote Esdras e seus auxiliares. Anteriormente, no período deuteronomista, época pré-exílica, quando parte do Deuteronômio, e os livros de Josué, Juízes, Primeiro e Segundo Reis, Primeiro e Segundo Samuel foram escritos, Israel era henoteísta e monárquico. Teologicamente, passou de uma fase monista, onde Deus fazia o bem e o mal, para a dualista, onde Deus é o autor do bem e Satã é o culpado pelas coisas más. Houve a mudança, também, da fase henoteísta, também chamada monolátrica, onde cada povo tinha um deus, mas o Deus de Israel era só *YHWH*, para a monoteísta, onde não existem outros deuses, só *YHWH*. Isso foi se desenrolando na história de Israel e o ápice aconteceu no período do Segundo Templo, portanto, pós-exílico. Em uma primeira fase, o monoteísmo-monista utilizava o Tetragrama, principalmente, ainda com Ezequiel, no Exílio, para deixar claro que o Nome do Único Deus era *YHWH* e não Marduk, Molok ou qualquer outro. Na segunda fase, monoteísta-dualista, quando a Teocracia já estava mais estruturada, o Hebraico era obrigado a ser falado somente nas celebrações do Templo de Jerusalém ou nas sinagogas, no *Shabbat*. Para não se colocar o Nome de Deus em vão, falava-se o Aramaico na rua, no dia-a-dia. Proibiu-se falar o Nome de

Deus e passou-se a chamá-lo pelo Nome Majestático “*Elohim*”, portanto, os Salmos Yawistas e Eloístas fazem parte dessas fases.

1) *YHWH* é o Deus Soberano e Único de Israel: Sl 93 (92),1-2;

2) *YHWH* é quem confirma os seus representantes diante do povo: Sl 89 (88),20-30.

O estudo sobre os gêneros literários utilizados pelos narradores das Sagradas Escrituras tem avançado, ano após ano, e novas descobertas estão sendo realizadas. Foi elencado sete tipos de gêneros literários, com suas variantes, e há Salmos que se encaixam em mais de um tipo. Isso mostra o quanto os Salmos são ricos em sua diversidade e versatilidade, tudo porque são frutos de edições, elaborações, compilações e muita criatividade artística. Constata-se que a poesia sempre fez parte da vida do ser humano, porque, mais do que intelecto, ele é, sobretudo, coração, sentimento, emoção. Por meio desses cânticos, os que sofriam exprimiam suas dores, expondo as situações difíceis que enfrentavam.

Os Salmos são poesia hebraica

Os Salmos são produções literárias poéticas – pura poesia hebraica. Geralmente, a estrofe é composta por dois versos (bicólon) ou três (tricólon), que é a mais comum, podendo ser, ainda, monocólon – apenas um verso ou tetracólon, de quatro versos. Nesta poesia, a prioridade não é os versos rimarem com palavras que terminam de modo idêntico, mas leva-se em conta o número de palavras, se a sílaba que termina a palavra é longa ou curta e a combinação feita pelo ritmo da leitura, respeitando os acentos das palavras, como acontece com as pessoas que falam Inglês americano. Quanto ao ritmo, o verso sempre ganha uma cadência melódica ternária 3 x 3 e, às vezes, para variar, binária 3 x 2. Israel, às vezes, quer transmitir sua mensagem poética de forma subliminar, nas palavras, conceitos e significados escondidos entre uma palavra e outra, ou entre as frases. Entre o ritmo e os acentos das palavras, em uma cadência poética, o salmista vai transmitindo sua mensagem, utilizando-se, inclusive, do silêncio para fazer cadência. Poesia é sentimento. Se as palavras não gerarem um sentimento em quem lê ou escuta, elas se tornam estéreis e a poesia perde seu sentido de existir. Impossível ler um Salmo sem sentir com o autor real – o que escreveu o Salmo, sem ter empatia com o autor implícito – o que o texto nos faz conhecer pelo contexto do que se está dizendo.

É próprio da poesia hebraica criar paralelismos e comparações entre duas frases, duas ideias principais: uma frase com um pensamento completo em si, sendo repetido pela outra

frase, às vezes, de forma inversa, invertida ou contrária; ou com uma frase completando o pensamento da outra. A comparação é uma das formas literárias mais antigas e comuns para aproximar dois pensamentos, mesmo que sejam antitéticos, criando um sentido entre eles. Ela coloca dois pensamentos em um mesmo patamar de igualdade ou cria uma tensão entre eles, mostrando um caminho bom e descartando o outro, por ser mau. Apesar do paralelismo ser muito comum na poesia hebraica, é possível encontrar Salmos sem. Há casos de diferentes paralelismos em um mesmo Salmo, como os Salmos 34 (33),16-17, e pode haver entre dois Salmos diferentes, como nos Salmos 3 e 4, que mostram um paralelismo sinonímico; 22 e 23 (21 e 22), que mostram um paralelismo antitético; 50 e 51 (49 e 50), que mostram um paralelismo sintético.

Muitos versos são repetidos, o que é comum em poesias e, geralmente, são usados como antífonas. Em alguns Salmos, aparece a palavra hebraica “*sela*”, que pode indicar uma grande pausa, divisão de estrofe ou final da poesia. Muitos textos narrativos e em prosa foram poeticamente compostos. Muitos conceitos e significados eram revelados quando o poeta colocava uma ideia em paralelo com a outra. Essa forma de escrever ajudava a entender outro texto ou cena bíblica. Em muitos casos, o leitor real – o destinatário direto do texto escrito, já entendia o texto, porque pertencia à mesma cultura e conhecia os códigos linguísticos. No entanto, muitos leitores precisavam interpretar o que estava escrito, porque lia o texto séculos depois que foi escrito e muitos valores da sociedade já tinham mudado, por isso, fala-se de leitor-autor, pois, quando interpreta, é como se reescrevesse o texto para os seus dias. Neste sentido, é muito válido, levando-se em conta o leitor real, o leitor-autor tentar deslocar-se para a época do autor real, e, através dos dados encontrados no texto, tentar enxergar pela ótica das pessoas da época em que o texto foi gerado.

O estilo poético mais presente são as várias formas de paralelismos:

1- Antitético, quando a primeira frase diz o contrário da outra:

“Aqueles a quem *YHWH* abençoa possuirão a terra;
e serão exterminados aqueles a quem amaldiçoa” Sl 37 (36),22.

2- Sinonímico, quando a primeira frase repete a outra, usando sinônimos:

“Por que se enfurecem os gentios
e os povos imaginam coisas vãs?” Sl 2,1.

3- Sintético, quando uma frase resume o que a outra diz:

“Cantai a *YHWH* um canto novo;

Cantai a *YHWH* terra inteira” Sl 96 (95),1.

4- Paralelismo de Metáforas: o poeta traduz em imagens as palavras que seu coração fala:

“Quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na Casa de Deus;
confio na misericórdia de Deus para todo o sempre” Sl 52 (51),10.

“*YHWH* é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador;
o meu Deus, o meu rochedo em que me refúgio;
o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte” Sl 17 (18),3.

5- Paralelismo de Merismo: utiliza-se das partes para falar do todo:

“Quanto dista o Oriente do Ocidente (Oriente/Ocidente = partes),
Assim afasta de nós as nossas transgressões” Sl 103 (102),12.

“Os olhos de *YHWH* repousam sobre os justos,
e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor” Sl 34 (33),16.

6- Paralelismo de Quiasmo: uma frase repete o pensamento da outra no esquema A, B, C // A', B', C', às vezes, apresentando pensamento concêntrico: A,B,C, D, C',B',A', ou paralelo: AA', BB', CC'.

“A sua malícia lhe recai sobre a cabeça,
e sobre seu próprio crânio desce a sua violência” (Sl 7,17).

Os paralelismos e as comparações são recursos literários que auxiliam o pesquisador a descobrir o fio narrativo que liga as palavras, as frases, os significados, a semântica e as demais partes dos Salmos, desde o Sl 1 ao 150. Através do merismo ou da metáfora, tanto quanto os demais, o poeta trabalha com o imaginário popular e com a inteligência emocional do leitor. Neste sentido, ele desenvolve seus temas utilizando-se de quatro dimensões sócio-antropológicas: *YHWH* e sua divindade; o Mundo, levando em conta o tempo (*krônos*) e o espaço (*geo*); a história do povo de Deus, colocando no centro a libertação da escravidão egípcia e trabalhando esse conceito como paradigma da libertação do Exílio da Babilônia; o escatológico, falando de *YHWH*, Rei-Soberano que vai reinar sobre todo o Universo, ideia muito disseminada no pós-Exílio.

Salmos escritos no pós-Exílio ou editados

Em vários momentos desse ensaio, foi assinalado, uma vez ou outra, os Salmos pós-exílicos. Inclusive, houve destaque do evento “Exílio” e sua importância na história do povo de Deus. Um dos temas mais importantes desenvolvidos nos Salmos é o da realeza de Davi e de seus descendentes. Eles são sempre os escolhidos preferidos de Deus, vistos como seus representantes diretos. Como eles eram ungidos para serem reis, alguns Salmos ganham a característica de “messiânicos” e, por isso, também, escatológicos, ou seja, falam de coisas que poderão se cumprir num futuro próximo. Essa messianidade se dá quando Jesus os cita. O rei era um ungido (= um messias), de Deus. Os Salmos reais foram escritos pelos deuteronomistas, para valorizarem a descendência de Davi (Sl 2, 18 (17), 20-21 (19-20), 45 (44), 72 (71), 89 (88), 101 (100), 110 (109); 132 (131)). Em paralelo com os Salmos reais, estão os Salmos da Realeza de Deus (Sl 47 (46), 93 (92) 96-99 (95-98)). O pano-de-fundo desses Salmos é, também, o mundo escatológico. Para os israelitas, e isso está muito presente na literatura sagrada, o mundo espiritual era uma imagem do mundo material: todas as visões apocalípticas, por exemplo, eram representações do que o vidente já tinha visto ou experimentado durante a vida dele. Isso acontece na Apocalíptica e nesses Salmos, e é o que o leitor vê quando compara os Salmos Reais com os Salmos da Realeza de Deus. Quase todos os Salmos pré-exílicos, tanto quanto os próprios exílicos, foram editados, relidos, reeditados, compilados desde a época deuteronomista até a dos Macabeus. Em contato com o autor implícito – aquele apresentado pela própria narrativa, que nem sempre é o narrador, e com o leitor implícito – destinatário textual, o que é descoberto ao se ler o texto, porque se percebe, nas entrelinhas, as características do mesmo –, há a possibilidade de descrever os traços da sociedade que os destinatários originários viviam, que é a do autor real – autor originário, o que escreveu o texto. Quem lê o texto, segundo a crítica literária, é autor também, porque o interpreta. No entanto, muitos leitores acabam desconstruindo-o, muitas vezes, para recriá-lo de forma equivocada, porque se utiliza de metodologia exegética obsoleta, ultrapassada, dogmática, ideológica e fundamentalista. A atividade narratológica do autor é memória bíblicamente falando, porque fala da história do povo, com suas derrotas e vitórias, com seus erros e acertos, com suas infidelidades e fidelidades. Os Escritos Sagrados sempre recordam as antigas promessas feitas por um Deus fiel a seu povo, quase sempre, infiel, e, por isso, acabou pagando muito caro. Então, é importante tentar entender um pouco mais sobre a Teocracia. Ela busca destacar o poder soberano, universal e

escatológico de Deus na pessoa e no trabalho litúrgico do sumo-sacerdote no Segundo Templo. Veja o exemplo do Sl 93 (92),1-2:

“¹*YHWH* reina. Ele se revestiu de majestade; de poder se revestiu *YHWH* e se cingiu. Firmou o mundo, que não vacila. ² Desde a antiguidade, está firme o teu trono; tu és desde a eternidade”.

É esse Deus reinante que confirma, de entre o seu povo, os seus legítimos representantes, desde que pertençam à família davídica. Os Salmos Reais e os da Realeza de Deus reportam a Davi, porque esse era o objetivo da escola deuteronomista, do Séc. VIII a.C., desde o rei Ezequias. Aconteceu com os Salmos o mesmo que ocorreu com outros escritos sagrados: eles estavam vivos na Tradição Oral do povo, durante séculos, principalmente, pela facilidade de decorá-los por se tratarem de música, e, justamente, depois de um século, com o aparecimento da escrita e da forma como registrá-la, eles passaram a ser escritos, seja em pergaminhos, papiros, pedras, madeiras, paredes, quadros, estelas, selos, obras de arte, no Séc. VII a.C. Inegável é o fato que a redação final do livro de Salmos e de outros livros bíblicos veterotestamentários se deu no período pós-exílico, através dos sacerdotes sadoquitas, que realizaram diversas mudanças literárias, assim como adicionaram vários textos ao finalizarem os livros, por volta do Séc. III a.C.

Percebe-se em muitos Salmos, que Templo – Sl 28 (27),2 e Altar – Sl 26 (25),6; 43 (42),4; 51 (50),21; 84 (83),4; 118 (117),27, tornaram-se suas palavras-chaves. Isso é notado nos Salmos de Peregrinação ou de Subida, onde o Santuário se torna o lugar central de adoração a *YHWH* e de pagamento de dízimo, Sl 20 (19),4; 96 (95),8; 141 (140),2, além das celebrações rituais de sacrifícios, Sl 27 (26),6; 40 (39),7; 50 (49),14.23; 54 (53),8; 51 (50),18.21; 61 (60),19; 107 (106),22; 116 (115),17. Os Salmos falam do azeite que desce pela barba de Arão Sl 133 (132),1-3, destacando o papel dos sacerdotes, e do Templo como habitação do Deus Altíssimo Sl 26(25),8; 84 (83),2.11; 91 (90),1-2.

Outro conceito pós-exílico é que *YHWH* é Santo – Sl 22 (21),4; 71 (70),22; 78 (77),41; 89 (88),19; 99 (98),3.5.9; 111 (110),9, e tudo o que está relacionado a ele é santo: as moradas santas do Altíssimo, Sl 46 (45),5; os sacerdotes devem ser santos como Deus é Santo, Sl 34 (33),10; 89 (88),6.8; tudo o que é levado ao templo se torna santo, Sl 65 (64),5; Moisés e Aarão – paradigmas dos sacerdotes legítimos – são chamados “santos de *YHWH*”, no Sl 106 (105),16. A mudança do coração e sua pureza, assim como as mãos limpas, são uma forma literária para expressar a vida de santidade que deve ser alcançada em Deus. O Salmo 50 (49),13-14 é um canto penitencial que convida a pessoa a oferecer a Deus sua confissão, como forma de sacrifício e a cumprir seus votos diante do Altíssimo, buscando sua santificação.

Em alguns Salmos considerados exílicos, quando a Babilônia destruiu o Templo e saqueou seu tesouro, depois da tentativa de golpe de Sedecias, e aconteceu a segunda deportação, a santificação se dava por meio de votos no lugar de sacrifícios. Uma vez sem Templo, a purificação não ocorria por meio de rituais, oferendas ou ofertas sangrentas. Toda a espiritualidade penitencial, calcada em jejum, votos, obras de caridade, tinha a finalidade de reconstruir a vida da pessoa que se achava em ruínas, necessitando de um novo coração. Nesta fase exílica sem templo, eles precisaram continuar se adaptando, então tiveram que introjetar a ideia de que não precisavam mais de mediação entre eles e Deus. A função sacerdotal perdeu sua razão de ser. Desapareceu quando o templo desapareceu. A partir daí, o homem já não poderia resgatar outro homem do pecado, nem pagar alguém para resgatá-lo de diante de Deus, nem pagar a Deus pela sua redenção pessoal ou de alguém de sua família. A vida da pessoa não poderia ser vivida em função dos seus pecados serem perdoados ou não, porque os rituais viraram ruínas com o Templo Sl 49 (48),8-10. Nem por isso, o homem deve ser impenitente e deve viver desordenadamente. Deus já não se acha preso em um determinado lugar. Jerusalém já não é o centro da espiritualidade e o Templo já era. No entanto, *YHWH* continua mais vivo do que nunca e presente do lado do povo que ama, por isso, “*YHWH* reinará eternamente”. O perdão é o símbolo do amor gratuito de Deus, que, sem limites, continua amando aquele que ama, por amor ao seu Nome, sempre pronto a perdoar Sl 65 (64,4). O rosto de Deus mostrava-se, mais e mais, misericordioso, pois perdoava a culpa e já não destruía; quantas vezes conteve sua cólera e resistiu em sua ira Sl 78 (77),38. Em outro Salmo, pode-se ouvir a voz do salmista gritando: “Ajude-nos, nosso Deus e Salvador, pela glória do seu Nome. Purifica-nos e perdoa nossos pecados, pela honra do seu Nome! Sl 79 (78),9.

Apesar da autoria de alguns Salmos ser atribuída a alguns da casta sacerdotal como Asaf, os filhos de Coré, Emã, Etã, Idutun, pouquíssimas características literárias de rituais, celebrações, oblações, oferendas e mesmo de liturgias das festas religiosas são encontradas. Uma só vez, o Salmo 106 (105),30, cita os personagens sacerdotais originários: Moisés, Aarão e Samuel, mostrando-os como aqueles que podiam invocar o Nome de *YHWH* e Ele respondia 99 (98),6. Eles são os paradigmas sacerdotais, por excelência, pré-centralização do Templo em Jerusalém, quando ainda a religião imperial não era a que dominava a espiritualidade do povo. Aarão e sua casa, assim como a “casa de Levi” são lembrados como a forma que Deus colocou para que o povo pudesse entrar em contato com Ele e receber suas bênçãos, Sl 115 (114),10.12; 118 (117),31; 135 (134),19. Interessante notar que os traços da religiosidade teocrática do segundo Templo não foram retratados, de forma específica, nos

Salmos. Houve intervenções pós-exílicas e dos redatores finais, mas de forma tão discreta que muitos pesquisadores vacilam nas afirmações quanto à formação da estrutura dos mesmos ou dos seus panos-de-fundo.

Os Salmos na Vida de Jesus

Os evangelhos mostram que Jesus não era uma pessoa que só pregava, curava e libertava, mas, sobretudo, que era um homem de profunda oração. Normalmente, ele subia no pico das montanhas para orar, passava a noite toda em oração (Lc 6,12) e sempre jejuava (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). Os evangelistas deixam claro que, antes de tomar decisões importantes em sua vida, Jesus sempre buscava tomá-la perguntando para o seu Pai, qual deveria ser (Jo 5,19).

Os judeus oravam

Em 598 a.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, invade Judá, faz cerco em Jerusalém e a domina. O rei Joaquin se entrega, com toda sua corte, o que aplacou a ira do rei. Houve a primeira deportação para a capital do Império caldeu. O rei, os conselheiros, os levitas, profetas, videntes e funcionários do palácio, além de toda a elite da cidade, foram levados para viver em cidade pagã e idólatra. Eles precisavam arrumar uma forma de buscar a Deus e se manter fiel à Torah. Os sacerdotes exilados, entre eles, o profeta Ezequiel e sua família, procuravam mantê-los fieis a Deus. Há a ideia de se criar a sinagoga, e, para isso, era necessário, no mínimo, 10 homens com mais de 13 anos. Nelas, começam a se reunir para celebrar o *Shabbat* e estudar a *Torah*. A oração começou a fazer parte integrante da vida do judeu e foi criada uma agenda semanal, mensal e anual para oração privada, na família e na comunidade. Os Salmos foram inseridos nesses momentos de oração como uma das formas mais eficazes de se falar com Deus, porque eles expressavam todos os anseios e necessidades espirituais do povo. Muitos Salmos novos foram criados e os que já existiam passaram por adaptações e atualizações, onde os exilados cantavam suas esperanças e lembravam os tempos em que eram felizes diante de *YHWH*, na terra que Ele lhes deu de herança.

Jesus era um judeu de oração

Na época de Jesus, os Salmos eram, também, memória. Ao serem cantados, eles reforçavam a identidade do povo, enquanto povo de Deus, ajudavam os novos a conhecerem a sua história e os antigos a lembrarem a forma que Deus agiu para libertá-los com braço forte, da mesma forma que os libertou do Egito, na época de Moisés. Os Salmos, como a

história da libertação do Egito, assim também, várias leis da *Torah*, eram ensinados pelas mulheres da família, principalmente, a mãe e a avó (cf. 2Tm 1,5; 3,15), antes mesmo da criança celebrar a *berit milah* (circuncisão). Foi assim com Jesus e Maria. Durante o dia, era comum orar às 9h da manhã, ao meio dia, às 3h da tarde. Depois, passaram a orar às 5h30min da manhã, ou às 6h da manhã, assim como, às 9 da noite. Além dos Salmos, o *Shemah* era rezado, pelo menos, duas vezes por dia. O Rabino Aquiba, na *Pirque Abbôt*, ensinou que a base da espiritualidade judaica deve ser a Lei (*Torah*), que é o estudo dos Escritos Sagrados ensinados por Moisés, que, segundo o Rabino Maimônides, eram 613 leis (*Mitzvot*), a oração (*Abodah*), que, sobretudo, era a recitação do *Shemah* e os cânticos dos Salmos (*Tehillim*), e o amor misericordioso (*Hesed*), que era a prática do que se aprendia na *Torah* e que Deus mandava fazer.

Depois do Exílio, por volta de 538 a.C., quando Ciro, rei da Persia, possibilitou o retorno à terra que corria leite e mel, com a reconstrução do segundo Templo, e a reforma de toda sua liturgia e espiritualidade, as sinagogas continuaram a existir fora de Jerusalém. Elas ainda tinham uma utilidade restrita: a observação do *Shabbat* e o estudo da *Torah*. Nessas reuniões de oração, as pessoas já estavam acostumadas a rezar o *Shemah*, intercalando-o entre os cânticos dos Salmos. A *Hesed* era a forma mais eficiente que encontraram para espiritualizar o amor, ajudando os que voltaram do Exílio e viviam em completa necessidade. Os Salmos que recordam os tempos difíceis do Exílio eram muito cantados, para lembrar o povo que nunca deixaria de se manter fiel ao Senhor. As festas de peregrinações foram ganhando importância, banhadas pelos Salmos de Subida, quando chegavam à porta da cidade ou à porta do Templo. A subida do Monte Sião era sempre um evento fascinante de fé, esperança e de amor. Com a implantação do monoteísmo, no pós-Exílio, os sacerdotes teocratas sadoquitas incentivavam as três grandes festas: Páscoa (*Pessach*), Pentecostes (*Shavuot*) e Tabernáculos ou Tendas (*Sukkot*) (cf. Ex 23,14-17; 2Cr 8,13), que deveriam ser celebradas todos os anos, como festas familiares, mas que só poderiam ser festejadas no Templo de Jerusalém, onde *YHWH* era adorado como único Deus existente. Foi neste ambiente, conforme os costumes judaicos da Teologia teocrática, que Jesus vivia. Um momento marcante na vida de Jesus, quando mais rezou os Salmos, foi pendurado na cruz.

Quando se analisa a vida oracional de Jesus, percebe-se que tinha uma vida de profunda oração, conforme o costume judaico. Nunca se deve esquecer de que Jesus, Maria e José eram judeus e filhos desta cultura (Mt 6,9-13; 26,38; Mc 1,35; 15,37; Lc 3,21; 4,1-12; 5,16; 6,12; 9,18; 10,21; 11,1-4; 23,34; Jo 5,19.30; 11,41-42; 17,1-26). Com certeza, desde os doze anos, Jesus não deixava de ir a Jerusalém (Lc 2,46-50), como a tradição “da perda e do encontro do

menino Jesus” sempre lembrou. Jesus e seus discípulos rezavam quando ainda o sol estava para nascer, por volta das 5h (Mc 1,35; Lc 6,12). Em todo *Shabbat*, Jesus ia à sinagoga rezar em comunidade (Mc 1,21; Lc 4,16). Ali, tinha o costume de se levantar para fazer a leitura dos profetas (Lc 4,16) e para ensinar o povo (Mc 6,2). Antes de fazer suas pregações, ele sempre orava (Lc 9,16; 24,30). Ele fazia as suas peregrinações a Jerusalém, por ocasião das três grandes festas (Jo 5,1). Quando tinha oportunidade, nunca deixava de abençoar as crianças (Mc 10,16). Como bom mestre judeu que era, nunca deixou de celebrar a páscoa com seus discípulos (Lc 22,7-14). Em momentos de grandes decisões que precisava tomar, retirava-se para os montes para orar (Mt 26,30; Lc 9,28).

Como foi visto, Jesus não utilizava os Salmos somente para orar, mas, também, para evangelizar e para enfrentar os fariseus ou quem quer que vinha para criticá-lo. Antes de ser beijado por Judas, enquanto estava orando no horto, momento que chegou a suar sangue, Jesus reza o Sl 31 (30),9-10: “minha alma está triste” (Mc 14,34). Na cruz, não se esqueceu dos Salmos: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”, Sl 31 (30),5 e a famosa frase: “*Eloi, Eloi, lama sabactani* – Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, Mc 15,34; Sl 22 (21),1. Os Salmos messiânicos foram utilizados pelos evangelistas com o intuito de mostrar que Jesus era o Messias esperado por Israel: João 18,6 cita Sl 35 (34),4 e em 19,36 cita Sl 34 (33),21; Marcos 15,23 cita Sl 22 (21),19; Mateus 27,28 cita Sl 69 (68),22; em 26,23 cita o Sl 41 (40),10; em 27,43 cita o Sl 22,9 (21,9). Alguns pesquisadores afirmam que muitos ensinamentos de Jesus eram como que grandes pregações de alguns versículos presentes em algum Salmo: “Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz”, Sl 37 (36),11, parafraseado por Jesus em Mt 5,4. “Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão”, Sl 126 (125),5, ensinamento visto em Mt 5,5. Também na bem-aventurança de Mt 6,4, Jesus pode ter pego o Salmo 24 (23),3-4 como base. Uma vez, Jesus disse que quem reza em segredo será escutado pelo Pai (Mt 6,4) e pode ter tirado esse ensinamento do Sl 139 (138),2-3. Jesus também ensinou a abandonar-se à Providência de Deus (Mt 6,25-34), talvez, baseando-se no Sl 127 (126). A parábola da vinha (Mc 12,1-12) já era uma Tradição conhecida no Sl 80 (79),9-19. “*YHWH* é o meu pastor e nada me faltará”, do Sl 23 (22), pode ter sido o pano-de-fundo para Jesus falar em João 10,11: “Eu Sou o bom pastor”.

Jesus sempre citava os Salmos para dar respostas às críticas dos fariseus e dos outros que o criticavam. Veja o Sl 8,3, citado em Mt 21,16: “Da boca dos pequeninos e crianças de peito tiraste um perfeito louvor”. Ele cita o Sl 118 (117),23: “A pedra que os construtores rejeitaram se tornou a pedra angular”, citado em Mt 21,42. O Sl 110 (109),1: “Diz *YHWH* a

meu senhor: senta-te a minha direita” aparece citado por Jesus em Mt 22,44. Uma mesma ideia recorrente, baseada neste Salmo, aparece em Mc 14,62.

Jesus ensinou os discípulos a orarem

Os Salmos são citados no Novo Testamento mais de cem vezes. Um Salmo considerado messiânico é o 110 (109), que Jesus citou em Mt 22,41-46, para falar do quão grande era o Messias e sua missão. Jesus cita Salmos do Hallel, quando celebra o encerramento da celebração da Páscoa com seus discípulos (Mt 26,30). Na cruz, ele não se esqueceu do Salmo 22 (21) e quando morre (Lc 23,46), solta um grito do Salmo 31 (30).

Além desses exemplos tirados dos Evangelhos, o livro de Atos dos Apóstolos mostra o nascimento da Igreja retratada na vida da comunidade fundante do Cristianismo, chamado, no livro, de “o Caminho”. Atos nos mostra o crescimento do número dos de Jesus e como era sua vida de oração. Eis alguns exemplos: em At 1,14, Lucas, considerado o autor do livro, informa que a “Comunidade perseverava em oração com Maria, a Mãe de Jesus”. At 1,24, os Apóstolos oram juntos para escolherem um substituto para o lugar de Judas no grupo. At 2,1-13, os Apóstolos, discípulos e algumas mulheres, entre elas, a Mãe de Jesus, recebem o Espírito Santo durante a celebração da festa de Pentecostes. At 2,24 cita que os primeiros cristãos eram perseverantes na oração, assim como 2,46 cita que eles eram assíduos frequentadores do Templo. Em At 2,25-35, Pedro, em uma de suas pregações, depois de abrir as portas do cenáculo, onde estavam escondidos para orar, com medo dos judeus, cita Salmos. Atos 2,47 testemunha que viviam louvando a Deus. Os apóstolos oravam no Templo (At 3,1). Pessoas curadas por meio da oração, rezavam, agradecendo (At 3,8). A perseguição fazia com que todos orassem (At 4,23-31). At 6,4 narra que os Apóstolos se dedicavam à oração e ao estudo da Palavra. Na consagração dos sete diáconos, eles, impondo suas mãos, oravam (At 6,6). Estêvão ora para que Deus perdoe os que o condenaram (At 7,60) e, antes de morrer, a exemplo de Jesus, entrega o seu espírito (At 7,59). Pedro e João, em Samaria, oram para que os convertidos recebam o Espírito (At 8,15-22) e em Cesareia, para que a família de Cornélio receba o Batismo no Espírito (At 10,1-48). A Comunidade ora quando um servo do Senhor está preso (At 12,5) e quando enviam missionários em missão (At 13,2-3). Se houver a necessidade de novos líderes, a comunidade ora para que Deus mostre quem pode ser (At 14,23; 20,32-36). Os Apóstolos oravam ao ar livre, quando não havia sinagoga, ou depois que foram expulsos da mesma (At 16,13; 16,16). Nos momentos de perseguição, de prisão e tortura, os Apóstolos buscavam a Deus (At 16,25). Paulo tem visões e revelações da parte de

Deus em oração (At 18,9; 22,17; 27,23). Em At 20,7, eles estão reunidos, geralmente, no primeiro dia da semana, para a oração e a fração do pão.

Paulo, além de ser uma pessoa de oração, ensinou a orar: At 9,1; Rm 15,5-6; 2Cor 12,8-10; Cl 1,9-14; Fl 1,1-11; 4,6-7; Ef 3,14-21; 5,18-20; 6,17-18; 1Ts 5,17; 1Tm 2,1, entre outras tantas.

O autor de Hebreus fez vários paralelos de seu texto com os Salmos, a saber: em Hb 1,13, cita Sl 110 (109),1.4; em Hb 2,6-9, cita o Sl 8,4-6; em Hb 10,5-7, ele cita Sl 39 (38),7-10; em Hb 3 – 4, cita Sl 95 (94),7-11.

Essas passagens mostram que a oração passou a fazer parte da vida dos seguidores de Jesus: oração privada, oração familiar e oração comunitária. A oração era uma parte constituinte da vida de cada cristão, desde o nascimento, o batismo, matrimônio, batismo dos filhos, eucaristia até o momento de se encontrar com Deus, na sua passagem para a eternidade. A oração dava força para que a pessoa pudesse resistir nos momentos de dificuldades e de dor. Era a forma de manter sua fé e sua conexão com Jesus Cristo, o Espírito Santo e o Pai.

Devemos Rezar os Salmos

Na Igreja Católica Apostólica Romana, os padres diocesanos, os religiosos e as religiosas, os diáconos, os seminaristas, assim como as comunidades seculares de vida religiosa, todos, oram os Salmos, na Liturgia das Horas, nos períodos principais em que o dia é dividido, seguindo, praticamente, a mesma divisão que os judeus faziam para orar. O dia oracional é fracionado em Laudes (6h), Hora Terça (9h), Hora Sexta (12h), Hora Nona (15h), Vésperas (18h) e Completas (21h). Em cada parte dessas, ora-se, no mínimo, três Salmos, com suas respectivas antífonas. No mundo inteiro, mesmo que os fusos horários sejam diferentes, todos os católicos, representados pelos padres e religiosos, oram todos os dias, pelo menos, às 9h, ao meio-dia, às 15h e às 21h. Se quando der 9h no Brasil ainda não for na Itália, o importante é que na Itália, quando for 9h, todos estarão unidos em oração. A intenção é que, às 9hs de cada país, todos os cristãos católicos estejam unidos em oração diante do Pai. É assim acontece com todos os horários que a Tradição Católica reservou para a oração. É a Comunidade Universal que ora unida. Milhões formando um só corpo, sendo que isso é possível devido à oração. Em toda celebração da Eucaristia, há, pelo menos, um Salmo que é rezado, em resposta à primeira leitura, sem levar em conta, a antífona de entrada, de aclamação ao Evangelho e a de após a Comunhão. Sem dúvida, rezar os Salmos leva a pessoa

a ter uma intimidade maior com o Pai, por meio da oração, da mesma forma que acontecia com Jesus.

Uma das formas dos cristãos caracterizarem os Salmos como sua oração por excelência é relacionando cada Salmo com um acontecimento da vida de Jesus ou da Igreja e, no final, antes da antífona ser repetida, invocar a Santíssima Trindade, no “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...” Ao orar os Salmos de forma cristã, o Espírito leva o orante a ter a experiência com o Deus único revelado nas três pessoas. É uma oração que faz o Deus distante da oração dos judeus ser um Deus próximo da oração de Jesus. Ao orar os Salmos conforme Jesus ensinou, os horizontes do orante ganham novo sentido. A imagem de um Deus de amor e de misericórdia é revelada quando se lê os Salmos como Jesus lia. Não é suficiente estudar os Salmos. É preciso inseri-los na oração cotidiana, mormente quando se enfrenta as contingências do dia-a-dia, pelo contrário, eles continuarão relegados ao arcaísmo espiritual.

Conclusão

Concluindo o nosso ensaio, torna-se indispensável dizer que ele não esgota o assunto. Não foi falado tudo sobre os Salmos e há muito o que aprender. O tesouro que se esconde por trás de cada versículo e de cada Salmo é muito valioso. É impossível dar uma única interpretação. Isso empobreceria o Salmo não só como poesia, mas, também, como Palavra de Deus. Lanço um desafio maior para quem acompanhou os estudos até aqui: estude cada Salmo e descubra a riqueza que está escondida nas entrelinhas de cada poesia. É uma verdadeira caça ao tesouro, a diferença é que, no final, descobrirá que é incorruptível, espiritual e é Deus mesmo quem vai fazer com que o encontre. Outra possibilidade de estudo é descobrir a Teologia que, como pano de fundo, pode ter gerado cada Salmo. Foi falado muito de história, para tentar contextualizar um determinado Salmo, por isso, houve a necessidade de falar sobre messianismo, peregrinação, realeza, monoteísmo, deuteronomismo, Exílio, pós-Exílio, Teologia Teocrática, sadoquismo... Muita informação que daria um verdadeiro curso de Teologia de, no mínimo, 3 anos.

Creio que a finalidade do Centro Cristão de Estudos Judaicos conseguiu, neste ensaio, colocar o leitor em contato com a Teologia, no que há de mais moderno nas discussões do mundo contemporâneo. As discussões acadêmicas, na atualidade, no mundo todo, giram em torno dos temas discutidos nesta pesquisa. Claro que não foi possível abordar todos os temas, nem aprofundar de forma satisfatória, afinal, não é um curso, um seminário.

Espero, com alegria, que o (a) leitor (a) tenha apreciado o estudo da introdução aos Salmos e ao mesmo tenha incendiado, em seu coração, o verdadeiro desejo de falar com Deus através dessas poesias oracionais. Encerro com um dos versículos que mais me chama a atenção neste livro: “Lâmpada para o meu pé é a tua Palavra e Luz para o meu caminho” Sl 119 (118),105.

Referências bibliográficas

A **BÍBLIA**. São Paulo: Paulinas, 2023.

ALLEN, Leslie C. **Word Biblical Commentary – Psalms 101 – 150**. Dallas; Texas: Word Books Publisher, v. 21. 1983.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA AVE-MARIA – edição de estudos. 1 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

BÍBLIA SAGRADA CNBB. Brasília: CNBB, 2018.

BÍBLIA SAGRADA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA SAGRADA PESHITA. Rio de Janeiro: bvbooks, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. TEB. São Paulo: Loyola, 2020.

BÍBLIA PALAVRA VIVA. São Paulo: Paulus, 2022.

BORTOLINI, José. **Conocer y Rezar los Salmos** – comentário popular para nuestros días. São Paulo: Paulus, 2000.

CRAIGIE, Peter C. **Word Biblical Commentary – Psalms 1 – 50**. Dallas; Texas: Word Books Publisher, v. 19, 1983.

FEUER, Rabbi Avrohom Chaim; SCHERMAN, Rabbi Nosson. **Tehillim – a new translation with a commentary Anthologized from Talmudic, Midrashic and Rabbinic Sources**. Brooklyn, NY: Mesorah Publications, v. 1 (Sl 1-72); v. 2 (Sl 73-150), 1995 (ArtScroll Tanach Series).

GERSTEBBERGER, Erhard S. Gênese do Saltério – para que um livro dos Salmos? **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan/jun 2010.

GIRARD, Marc. **Como Ler o Livro dos Salmos** – espelho da vida do povo. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1992.

GORGULHO, Gilberto; SCHWANTES, Milton; SIQUEIRA, Tércio Machado; ZAMAGNA, Domingos; ANDERSON, Ana Flora; SANTA ANA, Julio de. Os Salmos do Rei: a fé e a política. **Revista de Estudos Bíblicos**, Petrópolis: Vozes, v. 23, 1989.

GRENZER, Matthias. Erva, Bovino Selvagem, Tamareira e Cedro. Ecoespiritualidade no Sl 62. **Revista Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 64, p. 66-86, jan/abr 2020.

GRENZER, Matthias; LIMA, Cleodon Amaral de; CARDOSO, Robert Barbosa. “Dele vem minha Esperança”: um estudo do Sl 62. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 195-212, jan/abr 2024 (acessado em 25/10/2024 em <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1849>).

HUMAN, Dirk J.; STEYN, Gert J. **Psalms and Hebrews – studies in reception**. New York; London: t&t clark, 2010 (Library of Biblical Studies).

KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**. 2 ed. Salamanca: SIGUEME, 1996.

NAKANOSE, Shigeyuki; SILVA, Valmor da; NOGUEZ, Armando; CROATTO, Severino; GALAZZI, SANDRO. Los Salmos. **Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana (RIBLA)**, Quito: Ecuador, n. 45, 2003/2 (acessado em 22/10/2024 em <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/45.pdf>).

NERI, Umberto (org.). **Alleluia – Interpretazioni ebraiche dell’Hallel di Pasqua (Salmi 11-118)**. Roma: Zikkaron, 2016.

NUNES JR. Edson Magalhães. **Poesia Hebraica Bíblica – uma introdução geral**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2016 (Estudo em literatura bíblica - 2).

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Lendo o Livro de Salmos – a lei orante do povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2019.

RODRÍGUEZ, Ángel Aparicio. **Comentario Filológico a los Salmos y Cantar de los Cantares**. Madri: BAC, 2012.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **A Manual of Hebrew Poetics**. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1988 (subsídia bíblica - 11).

SCHÖKEL, CARNITI, Cecília. **Salmos I (1-72)**. São Paulo: Paulus, 1996.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I (73-150)**. São Paulo: Paulus, 1998.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica – versão 2.0**. 4 ed. rev. atual. São Paulo: Paulinas, 2022 (coleção ciências bíblicas).

SIQUEIRA, Tércio Machado; LÓ, Rita de Cácia; SILVA, Célio; SOARES, Elizângela A.; PIVA, Daniel. Salmos de Asaf: Sl 50; 73-83. **Revista de Estudos Bíblicos**, Petrópolis: Vozes, v. 22, n. 81, 2004/1.

SIQUEIRA, Tércio Machado; NAKANOSE, Shigeyuki; SILVA, Valmor da; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Salmos de Coré. **Revista de Estudos Bíblicos**, Petrópolis: Vozes, v. 20, n. 76, 2002.

TATE, Marvin E. **Word Biblical Commentary – Psalms 51 – 100**. Dallas; Texas: Word Books Publisher, v. 20, 1990.

TRAPIELLO, J. Garcia. **Introducción al Estudio de los Salmos**. Madri: Salamanca, 1997